



ALEX WILLIAN BICUDO DE OLIVEIRA
Jornalista - Redator

awbicudo@hotmail.com

(12) 99743-2977

SEXTA-FEIRA | 28 DE NOVEMBRO DE 2014 | www.ovale.com.br

✦ **LITERATURA** Morre aos 94 anos a escritora **P.D. James**, "dama" dos romances policiais. PÁG. 3

✦ **LOLLAPALOOZA** Organização anuncia as atrações por dia do evento, que acontece em março. PÁG. 4

viver &



Paul McCartney encerra a turnê pelo país com dois shows em São Paulo, na terça-feira e na quarta-feira, antes de se apresentar para o público paulista, o cantor passou por Brasília (DF) e Vitória (ES)

✦ **CRÍTICA**

DE ALMA LAVADA

SUA MAJESTADE, PAUL

Fã do ex-Beatle, jornalista conta em detalhes como foi o show Paul McCartney em São Paulo

ALEX RICARDO
 CRÍTICO PARA O VALE

Paul McCartney fez em São Paulo, no noite de quarta-feira, a última das cinco apresentações da turnê "Out There", no Brasil, em 2014. E, finalmente, na estância lá, presenciando a magia do ex-Beatle.

Você, leitor, ao ler as primeiras linhas deste texto, pode até pensar: "ah não! Magia do ex-Beatle! Lá vem mais um beatle-musicalo jogando confete no último exemplar da espécie que resta entre nós - ainda tem o Ringo também, como estava na apresentação final".

Mas, no decorrer do texto, tentarei justificar esta abertura que pode parecer um tanto quanto tendenciosa.

IMPRESSIONES
 Trinta minutos foram suficientes para que todos se reederssem ao talento e à simpatia de Paul McCartney

Cena. São 19h30 quando entro na Arena Allianz Parque pelo portão C, que dá acesso à pista. Estrada sem fim, tudo organizado. Lá dentro, um estádio cheio, ainda com metade da capacidade lotada.

O ambiente passava rápido. A chovera aberta, mas não cobria a pista. Nada que uma providência capz duríssima de planejamento não resolvesse. E, pelo visto, ninguém está muito preocupado. Para aquecer, entra em cena DJ Chris Hornes que dispara covers dos Beatles e dedica todos ainda mais no clima. No horário marcado para o início, 21h, as cadeiras já estão tomadas. Na pista, mesmo com muita gente, ainda há espaço livre. E o show? É o Paul!

Quando espero, entrego a tarefa de observação. O público é heterogêneo: pais com filhos, casais de todas as idades, amigos dançando, crianças. O ambiente é de paz.

Um desfile de convidadas musicistas, das mais criativas às mais magradas. Oho em direção às cadeiras e vejo um trio de garotas, aparentemente

com seus 15, 17 anos, sorridentes, cantando todas as músicas executadas pelo DJ. Bem próximas, uma senhora que poderia ser bisavó dessas meninas, feliz, acompanhando com palmas discretas.

Ao lado, um senhor de meia idade, vestindo um já amarelado blazer. Devo ter saído do trabalho e aproveitou para assistir a seu ídolo de juventude. Acontece que o amigo parece ter "aproveitado a largada", tornando-se um (ou muitas) a mais a apresentar um inesperado pocket show de abertura para a plateia que o cercava.

Show. São 21h40 quando, finalmente, Paul e sua banda se

ben no palco. O público vibra. E, para iniciar, Magic Mystery Tour, com todos cantando junto, mesmo que, muitos, na base do "você-oumatá".

Na segunda música, Paul tira o blazer e vai ficando mais à vontade. Como de costume, querba o grito arrastando algumas frases em português: "a ai paulistas?", "agô está bom-bom-bô" - que estão coladas em todos os pontos onde eventualmente ele irá se posicionar.

Então, ele melhora o clima, como The Longsight/Windin Road, músicas recentes, como My Valentine, e "don't be like I've Just Seen a Face".

Pronto. Trinta minutos. Faltam sessenta para que todos se rendessem ao talento e à simpatia de Paul e para que este tivesse os espetáculos em suas mãos. Daí em diante foi só festa (entrevista por alguns poucos momentos mais introspectiva e emocionantes, como em Backbird).

Carnaval. Em O-La-La, O-La-La, 20ª música do set list, a pista se transforma em um enorme baile de Carnaval. Já são duas horas de show. Paul continua feliz, cantando e tocando com energia, no auge de seus 72 anos. Parece mais animado do que na apresentação do dia anterior, que assisti a algumas trechos pela televisão. Live and let die, com uma

execução vigorosa, efeitos visuais e show de pirotecnia, é o sinal de que o show está no fim. E já que he-he, ciao, Bye-bye! O ex-Beatle ainda volta para o Brasil, duas vezes.

O show finalmente acaba. Oho para o lado e vejo rostos curvados de felicidade, assim como o meu. Tipicamente estádio, ainda, envolvido pela magia de Paul. Se você acha que é exagero ou coisa de beatle-maniaco, só poderá tirar a prova assistindo, ao vivo, a uma apresentação dele. E não se preocupe. Próxima parada na quarta, contrariando as expectativas, o velho Paul retornará em 100 anos e voltará ao Brasil mais duas vezes. ●

Turnê
 2014
 Shows
 SÃO PAULO, SP (28/11) - ALLIANZ PARQUE
 BRASÍLIA, DF (29/11) - ESTÁDIO NACIONAL
 VITÓRIA, ES (30/11) - ESTÁDIO BARRIGUEN
 RECIFE, PE (01/12) - ESTÁDIO DE PERNAMBUCO
 PORTO ALEGRE, RS (02/12) - ESTÁDIO GARRAFA

Público
 45 mil
 Pessoas
 ASSISTENTES DE ORQUESTRAÇÃO DE CANTO E TOCA INSTRUMENTAL
 NÚMERO DE QUARTA-FEIRA



Paul McCartney estressa a Allianz Arena, novo estádio do Palmeiras, com um espetáculo magistral. Cerca de 45 mil pessoas assistiram à apresentação no segundo dia

De alma lavada

Na última quarta-feira, Paul McCartney fez em São Paulo, a última das cinco apresentações realizadas no Brasil em 2014, da turnê Out There. E, finalmente, eu estava lá, presenciando a magia do ex-beatle. Você leitor, ao ler as primeiras linhas deste texto, pode até pensar: ah tá! Magia do ex-beatle! Lá vem mais um beatlemaníaco jogando confete em cima do último exemplar da espécie que resta entre nós - ainda tem o Ringo também, como estava me esquecendo disso? Mas, no decorrer do texto, tentarei justificar esta abertura que pode parecer um tanto quanto tendenciosa. Vamos ao show.

São 19h30 quando entro na Arena Allianz Parque pelo portão C, que dá acesso à pista. Lá dentro, um estádio lindo, ainda com metade de sua capacidade tomada. Os minutos passam rápido. A chuva aperta, mas não esfria a plateia que continua chegando. Nada que uma providencial capa duvidosa de plástico não resolva. E, pelo visto, ninguém está muito incomodado com isso. Para aquecer, entra em cena o DJ Chris Homes que, do palco, dispara covers dos Beatles, e deixa todos ainda mais no clima. No horário marcado para o início, 21 horas, as cadeiras já estão praticamente totalmente tomadas. Na pista, mesmo com muita gente, ainda há espaços livres. E o show? E o Paul?

Enquanto espero, exerço o papel de observador. O público é heterogêneo: pais com filhos, muitos casais de todas as idades, amigos dançando e se abraçando, crianças. O ambiente é de paz. Um desfile de camisetas temáticas, das mais criativas às mais manjadas. Olho em direção às cadeiras e vejo um trio de garotas, aparentemente com seus 16, 17 anos, ansiosas, cantando todas as músicas executadas pelo DJ. Bem próximo, uma senhora que poderia ser bisavó dessas meninas, de cabelos brancos e óculos, feliz, acompanhando com palmas discretas. Ao lado, um senhor de meia idade, vestindo um já amarrotado blazer, que deve ter saído do trabalho e aproveitou para assistir seu ídolo de juventude. Acontece que o amigo parece ter “queimado a largada”, tomando umas (ou muitas) a mais, e apresentou um inesperado pocket show de abertura para a seleta plateia que o cercava.

São 21h40 quando, finalmente, Paul e sua banda sobem no palco. O público vibra. E para iniciar, Magical Mystery Tour, com todos cantando junto, mesmo que, muitos, na base do embromation. Então ele enfileira clássicos, como The Long and Winding Road, músicas recentes, como My Valentine, e lados B, como I've Just Seen a Face. Pronto, trinta minutos foram suficientes para que todos se rendessem ao talento e à simpatia de Paul, e para que este tivesse os espectadores em suas mãos.

(continua)

Em Ob-La-Di, Ob-La-Da a pista se transforma em um enorme baile de Carnaval, com todos dançando. Já são duas horas de show. Paul continua feliz, cantando e tocando com energia e vitalidade, no auge de seus 72 anos. Live and Let Die, com uma execução vigorosa, efeitos visuais e show de pirotecnia, é o sinal de que o show está no fim. E para fechar, claro, Hey Jude. O ex-beatle ainda volta para o bis.

O show finalmente acaba. Olho para o lado e vejo rostos cansados e felizes, assim como o meu. Provavelmente estão ainda, envolvidos pela magia de Paul. Se você acha que é exagero ou coisa de beatlemaníaco, só poderá tirar a prova assistindo, ao vivo, a um show dele. E não se preocupem, pela mostra dada na noite desta quarta-feira, contrariando todas as expectativas, o velho Paul ultrapassará os cem anos e voltará ao Brasil mais umas dez vezes.

Artigo

Endomarketing e Comunicação Interna: além das diferenças

LinkedIn

Julho de 2019

Dentro de uma empresa, a área de Comunicação atende a diversos públicos sejam eles internos e/ou externos. Hoje, escolhi falar sobre a comunicação direcionada ao público interno que pode ser abordada com o uso de duas ferramentas distintas, a comunicação Interna e o endomarketing. Mas o que diferencia estas duas formas de comunicar? Será que elas são tão diferentes ou se completam?

A comunicação interna, como o próprio nome diz, comunica as informações relevantes aos empregados. Ela é importante para que o público interno esteja ciente das ações que interferem diretamente no seu dia a dia e de ocorrências pontuais. Sua relevância se dá também na propagação das ações e atividades relacionadas ao negócio. Um empregado bem informado torna-se um aliado na divulgação de informações relevantes ao público externo. A comunicação interna é assertiva quando é clara, direta e informa o necessário para o perfeito entendimento do assunto em questão.

Atualmente, com a evolução e disseminação das tecnologias, o público interno pode ser alcançado de maneira rápida, interativa e de forma mais agradável. Não podemos nos esquecer que qualquer forma de comunicação deve ser de duas vias, sendo essencial a disponibilização de canais que propiciem a manifestação do empregado (que por sua vez deve ser avaliada e respondida).

Quando a comunicação interna não é efetiva e eficiente, problemas podem estar a caminho. Se não há informação oficial, corredores, salas e baias podem ser invadidos pela informação duvidosa advinda das conversas paralelas. Para ser mais claro, estou me referindo ao boato. E um boato pode rapidamente se espalhar e ganhar reputação de informação verdadeira. Se isso acontece, o estrago já está feito.

Já o endomarketing tem o objetivo de promover engajamento, motivação e cultura de pertencimento. Ao alcançar esses propósitos, mais do que empregados, a empresa conquista parceiros e admiradores. Isso faz com que o ciclo se complete: equipe motivada, engajada e feliz produz mais, apresenta menos casos de absenteísmo e contribui para o fortalecimento da empresa que, por sua vez, passa a contar com mais recursos para motivar, engajar e promover o bem-estar à equipe.

Nestes mais de dez anos de atuação na área de comunicação corporativa, ao vivenciar diversas circunstâncias relacionadas ao endomarketing, atestei a eficiência desta ferramenta em maior e menor grau. Vale ressaltar que o nível de engajamento do primeiro escalão e sua cultura, por vezes já enraizada, são determinantes no resultado das ações.

(continua)

Compartilho com vocês uma situação que vivenciei em parceria a área do RH quando precisamos desenvolver uma campanha com o objetivo de engajar, motivar e disseminar o sentimento de pertencimento em um período que antecederia as temidas avaliações de desempenho e os famigerados feedbacks. Com a campanha (composta por banners, mobiles, cartilha e informativos) colocada em ação, nos deparamos com uma situação inusitada. Alguns colaboradores tinham trocado o carimbo da assinatura de e-mail oficial da empresa por outro, com o logotipo da campanha interna. Se de um lado tínhamos um problema em relação à padronização dos meios de comunicação, do outro recebíamos um sinal espontâneo de que a iniciativa havia promovido engajamento e motivação. Diante desta questão, decidimos permitir momentaneamente a utilização do logo alternativo para, posteriormente, solicitarmos o retorno do logo oficial, o que foi feito.

Por fim, responderei às questões formuladas no início deste texto. Comunicação Interna e Endomarketing são tão diferentes entre si? Nem tanto, já que a comunicação interna bem realizada pode também engajar e motivar. Elas se completam? Sim, pois procuram alcançar objetivos que, mesmo diferentes, são relacionados e complementares. Elas se misturam? Às vezes sim, e isso pode ser positivo desde que os objetivos primordiais sejam alcançados.

Pois bem, independentemente das ferramentas utilizadas e suas denominações, o importante é que comunicação voltada ao público interno alcance seu objetivo de informar, alinhar, motivar e engajar.

<https://www.linkedin.com/pulse/endomarketing-e-comunica%C3%A7%C3%A3o-interna-al%C3%A9m-das-alex-bicudo/>

Artigo

Gerenciamento de crise: a calma, o tsunami e a recompensa

LinkedIn

Julho de 2019

Todos nós sabemos que as empresas precisam estar preparadas para superar as eventuais adversidades relacionadas ao seu negócio e à sua área de atuação.

A condição macroeconômica, o relacionamento com os *stakeholders* e o clima interno são alguns fatores que podem fazer a nuvem da instabilidade pairar no ar. Acontece que, normalmente, essas situações se dão de maneira gradual, sendo possível a previsão dos acontecimentos para uma tomada de decisão pensada e refletida. Por menor que seja o tempo para a tomada de decisão, algum tempo há.

Diferentemente dos exemplos citados, uma crise institucional é um evento que, na maioria das vezes, não oferece tempo suficiente para que se pense e reflita. O que não quer dizer necessariamente que as decisões devam ser impensadas e/ou atabalhoadas. A questão não se refere à imprevisibilidade do momento em que se deflagra uma situação delicada e sim ao planejamento prévio que leva à decisão mais acertada e assertiva quando a situação delicada se apresenta.

Planejamento, eis a nossa palavra mágica. Sem ele, as chances de ocorrer algum desencontro durante o processo são grandes. Inicialmente, é essencial a elaboração de um plano de gerenciamento de crise, que deve ser objetivo, claro e com as tarefas de cada um dos participantes bem definidas. Assim, todos sabem exatamente como proceder, quando entrar em ação e a quem reportar.

Em minha experiência profissional pude vivenciar diversas situações onde sabíamos da iminência de uma crise institucional. E, foram nestes momentos que pude perceber a importância da atuação da área de Comunicação para o sucesso de toda operação de gerenciamento de crise.

É claro que ninguém quer que uma crise aconteça, mas quando acontece é que reconhecemos a importância do trabalho preventivo. Cito como exemplo a elaboração antecipada da estrutura dos comunicados à imprensa e aos demais interessados para ganho de tempo no momento do tsunami.

Outro fator que pode contribuir para (ou prejudicar) o sucesso da operação é a cultura da empresa. De nada adianta planejar e executar o plano de contenção da crise sem informar adequadamente e rapidamente aos atores envolvidos (clientes, os usuários, os órgãos fiscalizadores, a imprensa) que possam, em algum grau, sofrer impacto ou dano com a situação em voga. Ou seja, a falta de agilidade e clareza pode tornar o planejamento inócuo.

(continua)

Alguns exemplos de atitudes que não agregam à imagem da empresa no enfrentamento do problema são: não esclarecer os fatos de forma concreta e real ou ainda afirmar que “a empresa não irá se manifestar sobre o assunto”. Esses expedientes só fomentam insegurança e desconfiança, ao passo que, sendo solícita, clara e consistente, a empresa pode passar pela tempestade sem grandes sobressaltos. Melhor ainda é conseguir virar o jogo e ter a atuação elogiada por usuários, imprensa ou qualquer outra parte envolvida.

Por fim, após mais de 10 anos de atuação na área de Comunicação, tenho convicção de que um gerenciamento de crise competente é essencial para blindar a reputação e a credibilidade de uma empresa.

<https://www.linkedin.com/post/edit/gerenciamento-de-crise-calmaria-o-tsunami-e-alex-bicudo>

Artigo

A motivação vem de onde?

LinkedIn

Janeiro de 2019

Diversos fatores podem causar a desmotivação do empregado/colaborador (escolha o termo de sua preferência) no ambiente de trabalho. Falta de reconhecimento, acúmulo de atividades, pouca demanda de atividades, ausência de feedback e direcionamento inadequado podem ser alguns deles (acredito que você poderá elencar outros).

Vocês perceberam que as questões elencadas acima vêm “de fora para dentro”, como se o empregado (vou utilizar este para simplificar) fosse um mero receptor de estímulos externos, ou se ele precisasse de algum impulso para render em sua plenitude? Pois bem, embora eu acredite que, sim, tais fatores podem ser determinantes (e que tudo varia de pessoa para pessoa) para a desmotivação profissional, acredito também na força da automotivação.

Parece elementar, não é? Pronto! Mantenha-se motivado e siga em frente! Tenha sucesso e seja feliz! Resolvido! Não, não é tão simples assim.

Apesar disso, se automotivar é um exercício diário que pode ser crucial no combate à falta de “gás” no trabalho. Não está legal? Está chato? Está monótono? Está difícil? A primeira pessoa que pode mudar este panorama é a que está passando por tal situação, seja externando suas insatisfações para as pessoas certas ou criando um mecanismo de blindagem contra a desmotivação (talvez, valorizando as pequenas conquistas). Pode parecer clichê, mas acredito (ou tento cada vez mais acreditar) nisso. E ainda há a possibilidade de mudança de rumo se as coisas realmente não caminharem bem.

Como disse o músico e poeta Chico Science na canção “Todos Estão Surdos” (versão da música de Roberto e Erasmo Carlos): “Levante-se, há um líder dentro de você”.

<https://www.linkedin.com/pulse/motiva%C3%A7%C3%A3o-vem-de-onde-alex-bicudo-1f/>

Artigo

Ele está desempregado (ou “Ele está com lepra”)

LinkedIn

Janeiro de 2019

“Você está sendo desligado da empresa neste momento”. Ah, *ok*, tudo bem. Tudo bem, nada!!! Para o receptor desta frase, a sensação é de que o chão se abriu e que, por alguns minutos (ou algumas horas), se está a bordo de uma montanha-russa emocional. É hora de guardar as coisas pessoais, de entregar os equipamentos da empresa, e de dizer adeus aos demais funcionários, colegas e amigos (e ter que ouvir e responder questões sobre as quais muito possivelmente o cidadão não consegue, e nem quer, tratar naquele momento). Agora é sair do prédio, tentar fazer a respiração voltar perto do normal e contar para a família (é parecido – guardadas as devidas proporções – ao anúncio da morte de alguém próximo).

Aí, mesmo tendo ouvido que a demissão se deu por conta de corte de custos, que outros setores também sofreram cortes e que não era questão de incapacidade profissional, na mente embaralhada se passa um filme com cenas das ações tomadas e não tomadas, dos êxitos, das frustrações, das possíveis mancadas, dos desentendimentos. E uma pergunta a estampar a visão como um carimbo: “onde foi que eu errei???”.

Tudo, aos poucos, vai voltando ao normal, mesmo sem estar. Uma nova rotina vai se estabelecendo, com muito (muuuuuuuuuuito) tempo para pensar, para frente e para trás. E, agora, o que resta é seguir em frente, fazer contatos, explicar a coisa toda, mandar currículos, fazer cadastro em sites etc. Então, o que retorna, comumente, são aquelas respostas padrão do tipo “poxa, que chato”, “aparecendo alguma coisa eu lhe dou um toque”, “deixa seu currículo”, entre outras (quero destacar aqui que não é culpa do interlocutor o teor destas respostas manjadas. Acredito mesmo que a intenção é realmente a de ajudar). Acontece que, de fato, pouca coisa ou quase nada acontece.

Então, a pessoa se vê na companhia predominante de seu notebook, sem a rotina (boa ou não) de trabalho e com tempo de sobra (para prosseguir enviando currículos e continuar de olho nos sites – nessa altura os contatos já foram feitos e não é bom forçar a barra). É nesse ponto que a pessoa pode se sentir como se tivesse sido infectada pela lepra. Mas saibam, a lepra (na verdade este termo não é mais utilizado, e sim, hanseníase) tem cura. Tudo passa.

<https://www.linkedin.com/pulse/ele-est%C3%A1-desempregado-ou-com-lepra-alex-bicudo/>

Artigo

Disco – Um blues na casa do samba

Abril de 2018

Uma lâmina afiada a zunir rente ao ouvido. É assim que defino o disco Um Blues na Casa do Samba. E a casa foi feita com muito esmero, mesmo estando longe da rua dos bobos. De bobos, Paul e Feijão não tem nada e mostram isso ao juntarem forças, talentos e sensibilidades neste trabalho. Paul Constantinides é poeta, compositor, fotógrafo, arquiteto, agitador cultural e muito mais. Carlos Feijão é contrabaixista desde os tempos idos, figura carimbada na cena musical jacareense e muito mais também.

Com temas que vão da reflexão profunda à alegria contagiante, as canções formam um conjunto instigante, como instigante é o título do disco, indicando a fusão de ritmos aparentemente tão distintos. Mas, ao irmos nas origens podemos compreender como essa mistura deu samba (e blues). Se bem que o resultado é muito mais do que a junção do Blues (mais presente) com o Samba (utilizado pontualmente). Se fosse necessário definir, eu diria que Um Blues na Casa do Samba é um disco de Blues malandro (me refiro à malandragem no sentido da malemolência e da irreverência). E ainda há uma ressonância POP pontuando em grande parte das canções.

Antes de ir às faixas, exalto a coragem de Paul, que encarou o papel de interprete mesmo não sendo um cantor de ofício. Essa astúcia, ao mesmo tempo que acrescenta certa imperfeição às canções, adiciona a elas paixão e vigor. E entre a perfeição e a paixão + vigor, sou 100% a segunda opção, pois isso sim é arte!

A primeira faixa começa apenas com Feijão e Paul, na companhia de um baixão suingado e um canto mais pro falado, que logo se transforma em um sambão entusiasmante. É O Bicho Vai Pegar, que já dá o tom do que vem pela frente. Na sequência, No Olho de Furacão é recheado de memórias, divagações e guitarra rascante. Poesia de primeira em um blues genuíno. Já em Tarde de Sol, o sol parece mesmo estar colorindo o céu, ou brincando dentro de um torturado coração, como diz a letra. É difícil não se pegar cantarolando ou assoviando o refrão.

A quarta canção, Os Loucos, é outro blues pedrada com uma letra ao mesmo tempo divertida e poética. Eu desconfio a qual cidade eles se referem... êta São Thomé das Letras... se bem que pode ser Jacaré mesmo ou qualquer outra cidade brasileira. Todas elas têm seus bichos loucos, ainda bem. Voa vem a seguir com pop + pop + pop, mesmo tendo o blues como pano de fundo. A letra segue a vibração da canção anterior, porém, com mais leveza. Janis é uma homenagem a quem? Dou uma mariola a quem acertar. “Janis era tão linda como um raio de trovão, seus olhos eram cinzas, roubadas de um vulcão”. Mais uma blueseira que, opa, se transforma em um sambão.

(continua)

O blues Punhal de Prata, mais arrastadão e denso, é seguido por Amor, uma bela canção de... amor, que cabe para ilustrar qualquer casal da vida real. Em Saiba, a boemia é cantada em prosa e verso, e algumas verdades são ditas: “saiba, as meretrizes também amam”, “basta ser humano pra se enamorar”. Segue-se o repertório com Esquina dos Sonhos, uma baladassa, que considero a canção mais autobiográfica do disco. Em Roleta Russa é abordado o dilema das escolhas, dos caminhos da vida e da coragem que é necessária para construir seu próprio caminho, mesmo que tortuoso. Viva a imprevisibilidade da vida! Para fechar temos Prazer e Dor, que questiona e leva o ouvinte a refletir sobre as perdas e ganhos inevitáveis quando se ama, se entrega, se vive! Ainda há uma versão de “Janis” cantada em inglês (menos a parte do sambão, o que a deixa ainda mais interessante).

Não posso deixar de citar os músicos de altíssima categoria que acompanham a dupla: André Briuza Cambusano (guitarra), Xingue Lingue (bateria), Odirlei Machado (violão e cavaquinho), André Luiz Machado (bateria), Murilo Cambusano (guitarra), Frederico Lukaschek (guitarra), Anderson Chagas (percussão), Leandro Pereira de Castro (percussão) e Jorge Santos (gaita). Então é isso, Um Blues na Casa do Samba é Blues, é Samba, é POP, é aquilo ou nada daquilo. É arte. Ouça e deleite-se!

ARTIGO

Todos os Arnaldos em um só 'Disco'

*Alex Bicudo

Está aí um artista que ainda não me decepcionou. Arnaldo Antunes – compositor, cantor, poeta, performer, escritor, artista plástico, etc. – está sempre aprontando alguma coisa, e quase sempre coisa muito boa. Depois de mais de trinta anos na estrada, ele ainda busca caminhos que nem sempre são os mais fáceis. E em seu último trabalho, intitulado “Disco” (é isso mesmo: o disco se chama Disco), Arnaldo continua na sua trilha, mas atento ao que acontece ao seu redor.

A primeira faixa do álbum (Fogo) é curta, com pouco mais de um minuto; quase uma vinheta; apenas com voz, piano e violão, e soa como canção de ninar, com belas melodia e letra, o que se justifica sendo ela parceria com o craque das antigas, João Dona-

to. Em contraste, a segunda é oposta à primeira, com muito som, grande diversidade de instrumentos, muito poucos silêncios e que não à toa tem o título de “Muito muito pouco”. A letra é totalmente Arnaldo.

O disco segue como um passeio na montanha-russa. Mas neste caso isso não é ruim, pelo contrário. Arnaldo é um artista que se dá bem em várias frequências: MPB, Rock, Bossa Nova, Brega. A dificuldade de ser rotulado é sua maior virtude, e “Disco”, por ter todas suas referências juntas, pode ter espaço em gôndolas de diversos gêneros musicais, ou em nenhuma delas.

A faixa “Tarja Preta” pode surpreender quem conhece o Arnaldo dos Tribalistas ou dos Titãs. A canção poderia perfeitamente fazer parte do repertório de Gaby Amarantos, e é uma das melhores do disco. Mas o Arnaldo dos Tri-

balistas aparece, inclusive em canções feitas em parceria com Marisa Monte. E o Arnaldo dos Titãs também, principalmente na música “Vá Trabalhar”, composta nos primórdios da banda, e que não foi gravada pelo octeto.

Outro fator que faz de “Disco” um bom disco é que ele conta com parcerias e participações de artistas de primeiríssima qualidade. Hyldon, Céu, Marcelo Jeneci, Caetano Veloso, Daniel Jobim, Dadi, (o já mencionado) João Donato, isso só para citar alguns deles.

Pois bem, “Disco” é um prato cheio para quem gosta de música pop da boa e para quem gosta do trabalho do Arnaldo de hoje, ou do Arnaldo dos Titãs, ou do Arnaldo dos Tribalistas. Ou seja, do Arnaldo Antunes de sempre.

*Alex Bicudo nasceu em Jacareí e é jornalista.